



ACTAS

TOMO I

**Memória Histórica: História da Família, Genealogia e Heráldica
Arquivos e Documentação Familiar**

30 de Novembro a 2 de Dezembro de 2017

CASA DAS ARTES

ARCOS DE VALDEVEZ



Ficha Técnica

Título:

**Actas do 5.º Congresso Internacional
Casa Nobre – Um património para o futuro**

Edição:

Município de Arcos de Valdevez

Data:

Novembro de 2020

ISBN:

978-972-9136-87-0

[Título: Actas do 5.º Congresso Internacional Casa Nobre – Um Património para o Futuro
Arcos de Valdevez, 30 de Novembro a 2 de Dezembro de 2017]

[Autor: Vários]; [Co-autor(es):]; [Suporte: Eletrónico]; [Formato: PDF/PDF/A]

Arquivos e Documentação Familiar



DO LITERÁRIO ÀS SALAS DOS ARQUIVOS PESSOAIS E FAMILIARES DAS CASAS-MUSEU: ESPACIALIDADE E TEMPORALIDADE

CARMEN ABREU

Universidade do Porto/Citcem – Portugal
carmen.m.abreu@gmail.com

ZENY DUARTE

Universidade Federal da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
(Mestrado e Doutorado) – Brasil
zeny.duarte@gmail.com

1. A PUBLICIZAÇÃO DOS ACERVOS PESSOAIS EM ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEU

Acerca de qualquer Casa-Museu¹ de um escritor, quando está em causa a observação do literato logo o pensamento e curiosidade se dirigem para a possibilidade de encontrar toda a obra que o seu titular produziu, depositada em salas de Arquivos Pessoais², como emerge na ânsia de encontrar algo que ainda não tinha sido observado. Afinal, são estas as originalidades de que se alimentam os desenvolvimentos literários em matéria de inovação crítica e, muito particularmente, quando se trata de escritores sobre os quais parece já ter sido tudo dito. Todavia, há sempre mitos que se conservam a pairar, possíveis descobertas por onde se escondem as descrições pessoais e profissionais de quem acumulou Arquivos Pessoais. Sobre este aspeto (Duarte, 2005: 34), recorda que “O arquivo pessoal passa a representar uma espécie de pirâmide. Guarda a memória do titular, e a de seu tempo, às gerações futuras, podendo contar muito mais do que se imagina.” Similarmente, arquivo pessoal e Casa-Museu aproximam-se do que se pode entender por pirâmide, na aceção apontada pela citada autora.

Mais do que o repositório das tais “coisas”, materialidades constituídas por objetos que terão sido pertença do escritor e família, os livros e documentos do arquivo pessoal são o primeiro chamamento ao interesse deste tipo de visitante, geralmente dispostos em prateleiras e gavetas, mais ou menos conforme o então escritor-residente os terá utilizado, ou talvez não, mas para o visitante que pretende aceder às páginas esta será uma questão de menos importância.

¹ Casa-Museu: A partir do século XIX surge a denominação Casa-Museu (PONTE, 2007) como instituição representativa na divulgação da vida privada ao público, pelo que apresentaremos a importância da Casa-Museu como cenário constitutivo da biografia do titular.

² Arquivo pessoal: Camargo e Goulart (2007: 41) apontam para a seguinte reflexão: “Ao contrário dos arquivos institucionais, que são permeados de documentos cujas fórmulas e estruturas têm efeito de reduzir a um grau mínimo o caráter polissêmico dos textos escritos, os arquivos pessoais são prolíferos em documentos desprovidos de meta dados, entre eles: fotografias sem legendas, anotações de todo tipo em inusitados suportes, objetos desvinculados dos conjuntos que lhes dariam sentido, enfim, remontam uma realidade documental, que requer muita cautela e aprofundamento para que possa ser organizada, partindo do pressuposto de que é de fundamental importância, antes de qualquer tentativa de organização, o conhecimento da vida de seu titular”.

Em causa impõe-se o encontro com os livros da biblioteca, os documentos do arquivo pessoal e as peças museológicas, a possibilidade de poder consultá-los, de deles recolher a informação necessária para futuras argumentações literárias. Num segundo patamar das expectativas surge então a casa propriamente dita (o espaço físico representado pelo concreto), formada por um conjunto de divisões mais ou menos comuns a qualquer habitação. Nesta segunda incursão ergue-se, porém, outro tipo de curiosa possibilidade: a de encontrar móveis, vestuários, ourivesaria, honrarias, objetos pessoais, relíquias ou adornos diversos em relação aos quais se poderá eventualmente espelhar algum paralelismo narrativo nas páginas dos romances e nas biografias dos escritores que neste caso nos ocupam, Júlio Dinis e Camilo Castelo Branco. Sem dúvida que em ambas as Casas-Museu nos encontramos com documentos de arquivos, de bibliotecas e de museu³, embora, reconhecidamente, a Casa de Camilo esteja muitíssimo mais apta para este tipo de oferta, já que o escritor lá viveu longos anos, o que praticamente não aconteceu com Júlio Dinis na Casa-Museu que lhe está dedicada. Assim configuradas, destacamos a pertinência do imbricamento desses itens documentais, a fim de se obter a leitura descortinada dos escritores em estudo, posicionamento que, segundo Bellotto (2014: 108), constitui.

Interdisciplinares por excelência, dando motivos e infinitas abordagens e olhares, os arquivos pessoais não tinham merecido, até duas ou três décadas atrás, a devida atenção no que diz respeito à sua existência, rastreamento, organização e divulgação, nem tinham sido objeto de pesquisa como poderiam e deveriam ser. ... É mérito trazer à baila as enormes inter-relações que a área dos arquivos pessoais pode ter com as outras áreas da Arquivística, com a Museologia e com as teorias e políticas documentárias.

Logo à partida, as Casas-Museu dos dois escritores apresentam características de temporalidade e conteúdo bastante diversas. Porém, antes de mais, será útil referir-se que ambas as casas não recebem, afinal, a designação de Casas-Museu, mas de *Casa de Camilo* e *Museu de Júlio Dinis*, embora sejam, de facto, Casas-Museu, pois lá se abrigam, e perpetuam, biografias e memórias pessoais e literárias, as ditas “cronologias biobibliográficas” que, segundo Duarte (*idem*: 132), representam parte do ciclo da vida e obra do titular do acervo.

2. CASAS-MUSEU DE JÚLIO DINIS E CAMILO CASTELO BRANCO: ESPACIALIDADE E TEMPORALIDADE

Sendo que em S. Miguel de Seide se organiza e expõe o património camiliano desde há largas décadas, e conquanto a casa de habitação do escritor tenha sofrido um incêndio em 1915 já se encontra aberta ao público desde 15 de outubro de 1922, com a designação Museu Camiliano, sendo que, posteriores alterações em 1958 deram origem à Casa de Camilo, já com a recuperação da traça original do imóvel.

O Museu Júlio Dinis, em Ovar, cuja fundação data de 1996, expõe o acervo dinisiano há bastante menos tempo, e tendo o espaço museológico estado aberto ao público até 2005, neste ano fechou para resolução de problemas construtivos só reabrindo em 2012, após obras de reabilitação e ampliação. Mas, e fundamentalmente, é o historial de vida e das memórias ali representado que afasta as raízes que germinaram ambas as casas-museu.

³ Museu: “Nota-se que o museu se distingue por ser um espaço metadocumental e se seguirmos este trilho, de forma demasiado rápida, podemos tender a achar que a Museologia integra, no seu objecto de estudo, algo que escapa aos binómios mentefacto-artefacto e informação-documento. Mas, se tivermos em conta que qualquer coisa que vai parar a um museu é trabalhada como semióforo e geradora de muita e variada informação, uma vez que é descrita, classificada, arrumada, exposta e comunicada, não é difícil concluir que todo o trabalho museográfico feito tem paralelo ao trabalho técnico arquivístico, bibliográfico e documentalístico” (Silva, 2013: 32).

Sabendo-se que na Casa de Camilo o escritor viveu lá durante cerca de 26 anos, desde 1863 até 1890, ano em que se suicidou, no Museu Júlio Dinis – espaço de habitação que foi pertença de uma tia paterna do escritor –, o jovem escritor apenas lá viveu cerca de três meses, e apenas para tentativa de recuperação da saúde, tendo-se para tal deslocado do Porto, onde sempre viveu. De notar, com curiosa legitimidade, que esta razão terá naturalmente obrigado a que a designação Museu Júlio Dinis se encontre complementada por “Uma Casa Ovarense”, ainda no respeito pelo rigor da organização imobiliária tradicional do século XIX, em Ovar. Daí que António França, diretor do Museu, certifique esta questão quando refere que a “popularmente conhecida *Casa dos Campos*, com origens entre finais do século XVII e meados do século XVIII, sofreu um conjunto de acrescentos e alterações ao longo dos tempos, como comprova um mapa da *Villa de Ovar* de 1778” (França, 2015: 6-7). Em 1990, encontrando-se o imóvel em ruínas e péssimo estado de conservação, após aprofundados estudos o Arq.º Fernando Távora⁴ orientou os trabalhos de conservação e restauro, mas tendo posteriormente surgido novos problemas estruturais do edifício, só em 2012 foi inaugurado um espaço remodelado e com perfil contemporâneo, desta vez sob orientação dos Arq.ºs ovarenses José Lopes da Costa⁵ e Tiago Meireles⁶. Esta aprofundada recuperação da Casa-Museu e ainda segundo António França, “tem como Missão valorizar a passagem do escritor Júlio Dinis por Ovar, dando destaque à influência que esse período teve na sua obra literária e, paralelamente, preservar um exemplar de referência da típica casa vareira que o escritor habitou em 1863” (*idem*: 9). Em termos gerais, daqui se conclui que ao longo dos anos existiram várias tentativas de melhoramento de ambas as Casas-Museu em análise, sempre no sentido de aproximar a representação atual com o real de tempos recuados, para maior fidelização da imagem de outrora que o visitante delas possa reter.

No que concerne os conteúdos, acentuados pelas marcas de objetos de pertença e uso pessoal, sem dúvida alguma que a Casa-Museu de Camilo tem uma demonstração muitíssimo mais consistente e fiel ao acervo dos seus ex-proprietários, sem obrigatoriamente se ignorarem as marcas da presença de Pinheiro Alves, o seu comprador inicial e marido do primeiro casamento de Ana Plácido⁷. Do recheio consta então toda uma panóplia de bens que a família camiliana utilizou durante a permanência na casa, pelo que o visitante dela recolhe o reflexo, bastante credível, da organização familiar em termos de tipo de vivência, recheio e decoração. Desde o vasto mobiliário a adornos domésticos, desde peças de pintura e escultura à vasta e riquíssima biblioteca, todo este recheio compõe a espaçosa Casa de Camilo. Com destaque para a extraordinária biblioteca, referiríamos que nela se pode encontrar a vasta obra camiliana. Do seu arquivo pessoal, único e original, lá se pode ter acesso a série das correspondências de Camilo, manuscritos autógrafos e autografados e mais outras tantas séries documentais como os textos e obras analíticas e

⁴ Fernando Luís Cardoso de Meneses e Tavares de Távora é um arquiteto português, nascido no Porto. Tirou o curso na Escola de Belas-Artes do Porto, em 1952. É Membro da Organização dos Arquitetos Modernos, tendo recebido no seu atelier, dentre muitos estagiários, o arquiteto Álvaro Siza Vieira.

⁵ Desde 1989 que o arquiteto José Lopes da Costa tem atelier de arquitetura em Ovar, executando trabalhos de arquitetura e urbanismo em geral, dedicado ainda a arquitetura de interiores, recuperações, remodelações e paisagismo. Ganhou vários prémios: 1.º Prémio no concurso de conceção/construção do projeto de ampliação da Escola Básica dos Ribeiros, Câmara Municipal de S. João da Madeira, 2008; 1.º Lugar no Prémio Portal Arquitectos 2010, na categoria habitação, com a Casa A.S., 2011; 2.º Prémio no concurso de conceção/construção do projeto do Centro de Artes de Águeda, Câmara Municipal de Águeda, 2012.

⁶ Tiago de Albuquerque Barbosa Meireles nasceu no Porto em 1966. Desde 1991 que é Licenciado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, e desde 1988 que trabalha em parceria com o Arq. Lopes da Costa, com quem participou, em coautoria, em vários projetos. Desenvolve também projetos em nome individual, alguns dos quais foram premiados.

⁷ Ana Plácido, casada com Pinheiro Alves, manteve uma relação adúlterina com Camilo Castelo Branco, facto que levou os amantes à Cadeia da Relação do Porto. Julgados e absolvidos, Camilo e Ana Plácido passaram a viver juntos na casa de campo de Pinheiro Alves, em S. Miguel de Seide, após a sua morte. Ana Plácido veio a efetuar o segundo casamento, com Camilo, dois anos antes deste se suicidar na sequência da cegueira que não tolerou.

críticas sobre o autor, para além das camilianas de Arzila, de Assis Chateaubriand, de Manuel Simões e de Alexandre Cabral. Tudo se encontra ali naquele cenário familiar Oitocentista, espaço onde a maior parte das obras romanescas de Camilo Castelo Branco foram por ele escritas.

Em Ovar, a disponibilidade é bastante mais sóbria, o que facilmente se compreende. Não tendo sido a casa de habitação de Júlio Dinis, que tampouco constituiu família, todo o recheio do Museu Júlio Dinis não poderá ser considerado pertença do escritor, sendo, porém, que algum mobiliário e espaços lhe estão sentimentalmente relacionados, já que os utilizou, também para os atos de escrita. Neste processo de vínculo de Júlio Dinis ao espaço ovariense assume um vigoroso e extraordinário papel o romance *As Pupilas do Senhor Reitor*, no qual, e sem que percamos a lucidez de que a narrativa é sempre uma ficção, ainda assim objetos e áreas vivenciadas pelo escritor durante a sua breve permanência são perfeitamente identificáveis na narrativa. Mas também os espaços exteriores de que na época se compunha a geografia local estão presentes no texto, bem como a transposição narrativa de habitantes locais para a criação de personagens, questão que já nos remeteria para outros desenvolvimentos, mas que neste âmbito, e para suscitar curiosidades, chamamos à atenção para a obra do Prof. Médico laureado Egas Moniz, *Júlio Dinis e a Sua Obra* (1924).

Para este fator de transportes do real para o ficcional concorreu o facto de ambos estes escritores se listarem nas fileiras que deambulam pelas estéticas literárias epocais, o romantismo e o realismo já emergente – Júlio Dinis recebia já essa influência da literatura inglesa – e tais opções narrativas permitem portanto identificar, conforme referido, alguns cenários romanescos com aqueles que as geografias epocais historicamente apontam. Mas não só. A perspicaz observação e mundividência de ambos os autores registou a vivência e o tipo de ideário que formatava o pensamento de Oitocentos, tendencialmente registado entre o bucólico e o urbano. Impõe-se mencionar que estes textos estão ainda permeados por reflexões através de monólogos interiores, mais filosóficas ou mais satíricas, acerca das mais variadas matérias comportamentais, quer pela fala das personagens, quer do próprio narrador, resultando por tal em verdadeiros documentos transmissores de informação e conhecimento sobre o modo de vida, campesina ou urbana, documentos denunciadores ainda do pensamento da segunda metade do século XIX português. São estes legados culturais que se mantêm em permanência nas respetivas Casas-Museu, imunes à erosão do tempo e facilitadores de estudos de qualquer área do saber, quer por parte de investigadores científicos quer de simples curiosos de âmbito intelectual. São espaços prontos e disponíveis a certificar ou atualizar opiniões romanescas acerca do panorama sociocultural, político, económico ou religioso do momento em que os textos foram escritos, opiniões vivamente registadas num património documental que assim prontamente esbate fronteiras ou dificuldades espaço-temporais.

Neste contexto, no Museu Júlio Dinis a relação entre literatura e realidade expõe-se com razoável eficácia no referido romance *As Pupilas do Senhor Reitor*, resultando esta narrativa num documento paradigmático. Na 1.ª edição da obra *Inéditos e Esparsos*, de 1910, Júlio Dinis certifica: “Principiei a escrever as «Pupilas» em Ovar (1863) durante os meses de Julho e Agosto. Terminei-as no Porto em Setembro ou Outubro”, deixando margem ao leitor para melhor compreender os imensos quadros de representação de figuras ovarienses, a exemplo da prototípica personagem-médica João Semana, filantropo que, nos mais variados estudos desenvolvidos por creditados dinisianos, assume no enredo o trabalho do médico, que lhe era coevo, João José da Silveira. De resto, ainda nesta última obra, numa carta escrita por Júlio Dinis ao amigo Custódio de Passos, o escritor refere claramente:

Tenho notado que em Ovar os tipos não degeneraram ainda.

Entre os males que traz a civilização consigo, um deles é, a meu ver, a deterioração dos tipos clássicos. No Porto já se não distingue facilmente um médico de um advogado, este de um boticário ou de um padre; a confusão não vem só do vestuário, que todos capricham em fazer à moda, vem dos hábitos, dos assuntos predilectos

de conversação, dos gostos e opiniões que dantes variavam em cada classe e hoje tendem cada vez mais a tornarem-se comuns a todos.

Em Ovar não é assim.

O médico é ainda aqui o antigo médico que se denuncia às primeiras palavras; o merceeiro apresenta todos os caracteres próprios da espécie; o padre é o padre tipo; o doutor em Direito, ao qual se reserva aqui o nome de bacharel, conserva ileso a sua bacharelise.

Não podia deixar a terra sem observar o boticário, que espero será um bom exemplar; pois mesmo no Porto é a classe que menos se tem adulterado (*IE*: 343-4).

Por tal não admirará que neste romance lá estejam as figuras do taberneiro, o Sr. João da Esquina, do padre, mais conhecido pelo Reitor, do boticário, o Sr. Álvaro, do barbeiro, que disponibilizava saberes clínicos em complemento dos do médico, e quanto às referidas funções do doutor de Direito, essas eram cumpridas pelo regedor e pelo presidente da Câmara. Mas outras figuras-tipo aparecem na narrativa: o sapateiro, o sacristão, o sineiro, o empreiteiro, o jornaleiro, o ferreiro, a oleira, o alfaiate, entre tantas outras, documentando uma fiada de profissões e artesãos que preenchiam parte do tecido social, também etnográfico, do panorama português Oitocentista.

Decorrente da penetrante observação do escritor na recolha de materiais de escrita, através deste diversificado elenco de personagens regista-se com alguma expressão a antropologia local nas suas múltiplas feições de representação, desde o registo linguístico aos modos, ou dos costumes à cultura local, tornando-se impossível negar o interessante contributo literário legado através dos tempos às gerações futuras como verdadeiro registo documental da história das populações. A partir deste romance, o qual permite a transposição analéptica para uma realidade que neste momento dista dois séculos de existência, poder-se-á afirmar que o Museu Júlio Dinis, em Ovar, é um repositório de todas aquelas e demais informações. A par da preservação de objetos que nela se podem encontrar, também os espaços do quarto, da sala e da cozinha, com enfoque para a lareira tantas vezes chamada ao cenário narrativo, buscam a máxima fidelização à originalidade com que terão sido vivenciados pelo escritor, fixando no tempo este património Oitocentista.

Neste momento, o Museu proporciona ao visitante um conjunto de facilidades. Referiremos, em primeiro lugar, a biblioteca, onde uma multiplicidade de obras de Júlio Dinis, agregadas entre si pelas mais variadas edições, estão acompanhadas dos documentos de arquivo pessoal, tais como manuscritos autógrafos e cartas, e ainda de uma multiplicidade de estudos críticos sobre a obra e sobre o autor, ensaios académicos, textos de colóquios, publicações em jornais e noutras fontes, espaço, enfim, onde se colige um arquivo que documenta a vida e obra de Júlio Dinis. A completar este conjunto onde a ancestralidade se representa, encontra-se uma harmoniosa e modernamente equipada Sala Polivalente, onde têm lugar eventos vários, tais como exposições temporárias sobre fotografia, pintura, objetos escultóricos ou publicações literárias, mas também colóquios, representações teatrais ou musicais, projeção de filmes e outros encontros de contornos culturais, projetando sempre a expansão das memórias arquivísticas de e sobre Júlio Dinis. A par das já mencionadas estruturas deparamo-nos com instalações vocacionadas para a satisfação de necessidades lúdicas ou educativas mais atuais, Oficinas Pedagógicas onde se disponibilizam, a todos os escalões etários, projetos educativos devidamente orientados. Compreende-se, pois, que o “edifício existente foi todo recuperado e valorizado, respeitando os materiais existentes, embora introduzindo, com o maior cuidado os necessários equipamentos de iluminação, videovigilância e de climatização” (Costa, 2015: 15).

Não é possível mencionar-se que a realidade da Casa de Camilo seja diferente da do Museu Júlio Dinis, e referimo-nos ao ponto de vista formal e dos conteúdos. Mas dever-se-á mencionar que a casa de Seide tem outra amplitude de espaços, por tal facilitadores de outro tipo de dimensão na receção de

visitantes, e até de promoção de eventos. A Casa-Museu camiliana distribui-se por dois edifícios separados entre si pela via de acesso pública, conjunto arquitetónico que lhe confere a atual designação de Casa de Camilo – Museu / Centro de Estudos ou, com mais precisão, Casa de Camilo – Museu, e Casa de Camilo – Centro de Estudos, cada uma com o desempenho que se anuncia. Esta Casa-Museu não esconde o traço de certa opulência que na época impunha na paisagem. Composta por rés-do-chão e primeiro andar, a amplitude e decoração da magnífica sala cumpre as funções de cartão-de-visita do estilo de vida dos seus habitantes, herança que, lembre-se, Camilo recebeu de Pinheiro Alves por via indireta, ou melhor, por via de traição sentimental com a sua mulher, e à morte deste.

Tal como acontece no Museu Júlio Dinis, embora neste caso tudo se conjugue num módulo arquitetónico único, a par do espaço da antiga habitação o Centro de Estudos Camiliano empenha-se com afinco na preservação, valorização e divulgação do património cultural. Neste núcleo construtivo, composto por amplos espaços entre áreas comuns e de trabalho, do qual foi encarregue o Arquiteto Siza Vieira⁸, o visitante usufrui de um alargado inventário documental, permitindo-lhe fruir de um legado informativo e cultural sobre a vida literária e o quotidiano do homem de Oitocentos. Composto por auditório de consideradas dimensões, uma generosa sala de exposições, outra sala de leitura e gabinetes de trabalho, o espaço permitiu ainda instalar uma cafetaria, e a seu tempo prevê-se erguer o “Chalé do Nuno”, uma homenagem, crê-se, ao único filho de Camilo Castelo Branco e Ana Plácido. Segundo José Manuel Oliveira, diretor da Casa de Camilo, “esta aposta cultural é também a expressão de uma enorme gratidão para com Camilo Castelo Branco e o seu legado” (Oliveira, 2007: 6), acrescentando que se “o país herdou dele [escritor] um património literário que (...) é de indiscutível valia para o estudo e compreensão do povo português (...) cabe-lhe [à Casa-Museu] continuar a garantir que o refúgio das dores do Mestre, que foi também lugar privilegiado da sua escrita, se transmita, vivo, de geração em geração, para agir como um dos valores máximos da arte da criação ficcional e do culto da língua portuguesa (...)” (*idem*).

E de facto é consabida, e por todos reconhecida, a enorme produção literária de Camilo Castelo Branco. Dentre romances, comédias, ensaios, traduções, poesias, cartas, prefácios e folhetins, estes geralmente coligidos *a posteriori* em obra romanesca, quase todo este acervo foi escrito na casa de Seide. Neste escopo literário ganham favoritismo a denúncia dos tipos, usos, modos e rotinas locais em meados de Oitocentos, o que leva a que Jacinto do Prado Coelho refira que na produção literária camiliana “espalha-se um pedaço de terra portuguesa e o viver da sua gente” (Coelho, 1982: 57). Dentre elas, poder-se-ão citar as ficções *Amor de Salvação*, *A Bruxa do Monte Córdova*, *A Brasileira de Prazins*, *O cego de Landim*, *O Senhor do Paço de Ninães*, *O Comendador*, *Aquela Casa Triste* ou *As Novelas do Minho*, esta última obra onde alguns daqueles títulos se incluem. E esta breve menção de alguns romances e contos, escolhidos como exemplo, prende-se com o facto de alguns títulos serem reveladores de localidades circundantes à casa de Seide. Se nos textos de Júlio Dinis, conforme se referiu acima, deles se extrai o registo documental do tecido social em termos de profissões e tipos, nos textos de Camilo as personagens acentuam o tecido psicológico dos atuantes no palco das imoralidades de meados do século – “o pecador, o ladravaz, o difamador, o explorador, numa palavra, o criminoso” (Cabral, 1982 (1876): 7). Neste âmbito, aponte-se um brevíssimo apontamento, a partir do início do conto “Gracejos que matam” onde Camilo escreve:

⁸ “Álvaro Siza Vieira Joaquim de Melo é um renomado arquiteto português frequentemente considerado um dos grandes nomes vivos da arquitetura e urbanismo moderno no mundo e um dos mais importantes profissionais na história da arquitetura em Portugal. A simplicidade aliada à sofisticação no que diz respeito à realização de seus projetos arquitetónicos renderam a Siza amplo reconhecimento mundial e grande influência sobre o urbanismo na contemporaneidade.” <https://www.westwing.com.br/alvaro-siza/>.

(...) porque me ocorre hoje, regressando das Caldas de Vizela, uma história funestíssima de que só eu posso lembrar-me Duas chalaças terçadas entre dois amigos cavaram sepulturas de vidas e honras. Se as novelas pudessem corrigir alguma coisa, corrigindo aleijões da alma, eu pediria aos gracejadores que lessem isto (...), (Branco, 1982 (1876): 22),

acrescentando, logo de seguida: “Apresso-me a declarar que, no tocante a nomes e localidades, desfigurei tudo, salvo generalidades vagas e o lugar em que principia a narrativa. (...) Era, pois, em 1851, aos 15 de Junho, nas Caldas de Vizela.” (*idem*: 22-23).

Através destes breves extratos, logo o leitor é colocado perante um horizonte de expectativas que o estimula no sentido da descoberta do que será, de facto, ficcional, e o que terá sido extraído da observação de Camilo no quotidiano em que se envolvia, imprimindo ao texto um cunho de realismo literário, tal como acontece com as narrativas de Júlio Dinis. Neste quadro da sociedade do século XIX português, Camilo foi muito crítico dos comportamentos e experiências, por exemplo, do brasileiro de torna viagem ou do africano e venda de escravos, o que o conto “Aquela casa triste” regista e denuncia, mais noticiando acerca dos ricos e endinheirados e concomitantes misérias, com frequência conjugadas na mesma personagem. Estes são alguns motes recorrentes no arquivo literário camiliano, afinal os quadros de vida que atravessaram a sociedade na época em que Camilo escreveu, e segundo a sua criatividade.

E esperamos ter-se compreendido que não foi análise literária que aqui tangencialmente se ofereceu, mas antes o chamamento de brevíssimos extratos de narrativas escritas pelo punho dos dois escritores, a fim de se certificar que nos colocam perante o registo de um verdadeiro fundo documental da experiência humana de Oitocentos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como nota final, será de recapitular que os acervos documentais destas Casas-Museu⁹ estão acessíveis, e disponíveis, a todos quantos os queiram consultar. Sem se esquecer a dimensão turística, parte integrante dos roteiros culturais do país, estas Casas-Museu apresentam-se com objetivos educacionais ou motivações de lazer e ocupação de tempos livres, sempre na busca de prazer intelectual, ou noutra dimensão mais direcionada aos estudos de mestrado e doutorado, cujos desenvolvimentos investigativos e de análise de novas interpretações do legado literário trarão renovados contributos ao conhecimento acerca dos escritores. Através de visitas guiadas ao público em geral, a estudantes ou demais organizações, singulares ou coletivas, ergue-se a possibilidade de se participar em diversas atividades culturais, para as quais estes locais disponibilizam um considerável arquivo de documentação manuscrita, impressa, sonora, audiovisual, e muito mais. Assim regidas por uma espécie de una-diversidade, em ambas estas Casas-Museu acentua-se, e simultaneamente esbate-se, a dimensão espaço-temporal, num atavismo que nos permite ler e conhecer o homem-escritor nas suas múltiplas expressões, da vida à obra e ao pensamento.

Não resistiremos, entretanto, e como mero exemplo do plano pragmático, a mencionar que, na busca de documentos inéditos durante o percurso investigativo no âmbito dos estudos dinisianos, fomos ao encontro dos Arquivos Pessoais de outra Casa-Museu¹⁰, a do Professor laureado Egas Moniz, em Avanca, onde um interessante volume do romance *Uma Família Inglesa*, do escritor-médico Júlio Dinis, espreitava

⁹ Vide contactos preliminares: “Museu Júlio Dinis – uma Casa Ovarense”. In: https://www.cm-ovar.pt/www/Templates/GenericDetails.aspx?id_class=809&divName=634s131s726s1822s1824s809&id_object=1483; “Casa de Camilo”. In: <http://www.camilocastelobranco.org/>.

¹⁰ Vide contactos preliminares: <http://www.casamuseuegasmoniz.com/>.

nas prateleiras da biblioteca pessoal do escritor-médico desta Casa-Museu, volume comprado, lido e anotado por Camilo Castelo Branco, e cujos apontamentos autógrafos mereceram atilado estudo e análise em Tese de Doutoramento (vd. Abreu, 2015:136-145).

Ter-se-á então percebido que, desde o entorno dos acervos em seu arquivo pessoal, bibliotecas e museus ao entorno da historicidade dos imóveis por eles habitados, deixando-nos os espelhos das suas vidas cravados em paredes e tetos, em papel, fotografias e objetos nos seus mais variados suportes e espécies, nestas Casas-Museu se ultrapassa o que se pode definir como acervos compostos por documentos tradicionais. De sublinhar ainda será o importante papel da deontologia, da ética, dos princípios teóricos e conceptuais, dos métodos e práticas das mencionadas áreas, atualmente em ebulição em saudáveis construções de significativa maturidade científica, que a documentação dessas Casas-Museu abre horizontes para novas leituras, até então guardadas intramuros nas ex casas dos seus titulares. E tudo isto não teria sido possível se não tivessem sido as fontes ímpares de investigadores de competência renomada nos princípios da Arquivística, Biblioteconomia, Museologia, princípios que jogaram todos os dados da transversalidade cultural no puzzle da Ciência da Informação.

Finalmente, e cremos não demais salientar, que quer o Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense, em Ovar, quer a Casa de Camilo – Museu / Centro de Estudos, em S. Miguel de Seide, V. N. Famalicão, desenvolvem uma atenta dinâmica em permanência ao abrirem as suas portas a todo o tipo de público, gesto de conforto e facilitador ao *pathos* intelectual gerado entre os interesses do visitante e o espaço visitado, através dos preciosos acervos que ali se expõem. E destes decorrem, reconhecidamente, apontadores de espaços arquitetónicos, urbanísticos, culturais e sociais através de um valioso património documental também a cargo de especialistas da Arquitetura, Urbanismo, Arquivística, Biblioteconomia, Museologia e Literatura, pensados e repensados pela dinâmica conjuntural da Ciência da Informação, que tanto certificam como integram historicidades, tanto informam como enformam a preservação do pensamento epocal em continuado desenvolvimento cultural, hoje ou em qualquer tempo sem data certa.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Carmen – *Júlio Dinis: O romance português de raiz inglesa*. Salvador: EDUFBA, 2015.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli – “Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional”. In: BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivo: estudos e reflexões*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 108.
- BRANCO, Camilo C. – “Gracejos que matam”. In: *Novelas do Minho I*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1982 [1876].
- CABRAL, Alexandre – “Nota Introdutória”. In: BRANCO, Camilo C., *Novelas do Minho I*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1982 [1876].
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana – *Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais*. Brasília: Instituição Fernando Henrique Cardoso, 2007, p. 26.
- COELHO, Jacinto do P. – *Introdução ao estudo da novela camiliana*, 1.º vol., 2.ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.
- COSTA, José A. L. – “Museu Júlio Dinis”, In: *Casa Museu Júlio Dinis*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015.
- DINIS, Júlio, – *As Pupilas do Senhor Reitor*. Obras Completas de Júlio Dinis (col.), vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores, 1992 (1867).
- DINIS, Júlio – *Inéditos e Esparsos*. Obras Completas de Júlio Dinis (col.), vol. 7. Lisboa: Círculo de Leitores, 1992 (1910).

- DUARTE, Zeny – *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*. Salvador: ICI, 2005, p. 132.
- FRANÇA, António – “Júlio Dinis e a Casa de Ovar”. In: *Casa Museu Júlio Dinis*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015.
- MONIZ, Egas – *Júlio Dinis e a Sua Obra*. Ricardo Jorge (pref.), 1.º vol. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1924.
- OLIVEIRA, José M. – “Uma casa, uma memória”. In: *Revista Museologia*, n.º 1. Lisboa: Instituto dos Museus e Conservação, maio 2007.
- SILVA, Armando Malheiro da – “A transição paradigmática e o posicionamento da Museologia face à Ciência da Informação transdisciplinar”. In: DUARTE, Zeny – *Arquivos, bibliotecas e museus: realidades de Portugal e Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 32.
- WESTWING HOME AND LIVING. *Guide before Alvaro Siza Guide after*. Recuperado de <https://www.westwing.com.br/alvaro-siza/>.

